

A PERSONAGEM FEMININA EM CONTEXTO AUTORITÁRIO: UM ESTUDO DE TRÊS CASOS

Rosani Ketzer Umbach
UFSM

As três personagens femininas abordadas neste trabalho, uma datilógrafa, uma estudante subversiva e uma professora, apresentam atitudes diferentes frente ao contexto autoritário em que estão inseridas. As personagens e seus contextos são criações, respectivamente, das autoras brasileiras Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, e da escritora alemã Christa Wolf. Levando em conta o processo sociopolítico no qual essas obras surgiram, é possível estabelecer vínculos entre a ficção e a realidade, entre texto e momento histórico. Essa vinculação entre texto e contexto é relevante neste trabalho, pois permite uma compreensão mais abrangente de alguns aspectos presentes nas obras literárias.

O enfoque da relação entre literatura e contexto histórico está em consonância com as teorias de Theodor Adorno, segundo o qual o espaço confere concretude ao texto: “O momento histórico é constitutivo nas obras de arte; as obras autênticas são as que se integram sem reservas ao conteúdo material e histórico da sua época”, da qual elas se tornariam, assim, a “historiografia inconsciente”.¹

As obras literárias, das quais este trabalho trata, têm em comum o fato de terem sido produzidas sob regimes autoritários. O autoritarismo de Estado caracteriza-se essencialmente pela supressão das liberdades individuais – de expressão, organização social e política, etc. Nesse tipo de regime, o Estado postula o princípio da autoridade para impor sua ideologia. Frequentemente faz uso de um aparato repressor, que inclui a censura aos meios de comunicação, a prisão por motivos políticos e a tortura. Levando-se em conta essas características, observa-se que o

¹ ADORNO, Theodor. *Teoria Estética*. Lisboa: Martins Fontes, 1978. p. 207.

autoritarismo pode ocorrer tanto no sistema econômico capitalista como no comunista, mesmo que ambos se proclamem politicamente democráticos.

As ciências políticas estabeleceram a designação ‘democracia autoritária’ para sistemas de governo que, como no Brasil pós-64, são anticomunistas, firmando-se na supremacia do poder executivo em relação aos demais poderes. Durante o regime militar brasileiro, o Estado tentou implantar uma ideologia nacionalista e ufanista, muitas vezes pela coerção e violência. Houve censura institucionalizada, repressão a manifestações de resistência e prisões por motivos políticos. Com a intervenção de um serviço secreto, que espionava os cidadãos considerados subversivos pelo regime, estabeleceu-se a tortura, em muitos casos até a morte.

Censura, perseguição política e espionagem também caracterizaram o regime socialista da extinta República Democrática Alemã (RDA), que vigorou entre 1949, ano de sua criação, e 1989, ano da queda do Muro de Berlim. As ciências políticas utilizam a expressão ‘democracia popular’ para designar sistemas de governo como o da RDA, monopartidários e dominantes nos países da área socialista.

O regime socialista implantado na RDA sob a influência da então existente União Soviética dominava os cidadãos pelo medo e opressão. Com sua rede de espionagem e conspiração, o ‘serviço de segurança do Estado’ tornou-se um aparelho de absoluto controle da sociedade, infiltrando-se em todos os seus setores. O Estado e o Partido, investidos de poderes amplos e arbitrários, controlavam rigidamente as pessoas, sufocando todas as manifestações de resistência e perseguindo os opositores.

Experiências de perseguição, prisão e exclusão social freqüentemente são representadas na literatura, como é o caso das três obras aqui escolhidas. Tanto *A hora da estrela*, de Clarice

Lispector², publicada em 1977, como *As meninas*, de Lygia F. Telles³, publicada em 1973, surgiram durante o regime militar brasileiro, em sua fase mais repressora, após a promulgação do AI-5 em 1968, quando havia tortura de presos políticos, repressão às manifestações públicas e censura aos meios de comunicação. Da mesma forma, *Em busca de Christa T.*, de Christa Wolf⁴, surgiu em 1968, durante o regime socialista da RDA, quando já havia ficado claro que o Estado não permitiria oposição a sua ideologia. Nessas obras, as personagens aqui enfocadas também se encontram inseridas em um contexto autoritário, que as marginaliza e oprime.

A submissão de Macabéa em *A hora da estrela*

Macabéa, uma das personagens centrais de *A hora da estrela*, vive em um mundo que lhe é hostil. Sua história é apresentada pelo narrador-escritor Rodrigo S. M., que tece comentários sobre a concepção de sua personagem, uma jovem nordestina socialmente marginalizada, que tenta a sorte no Rio de Janeiro. Embora não haja menção explícita a formas de autoritarismo de Estado, as estruturas sociais representadas caracterizam-se pela desigualdade e exploração econômica das pessoas humildes. Frente a uma sociedade opressora, por ser frágil e totalmente desprovida de consciência crítica, Macabéa apresenta uma atitude de passividade e submissão.

A hora da estrela apresenta duas personagens centrais: uma é o narrador em primeira pessoa, o escritor Rodrigo S. M., que se propõe a contar a história de uma jovem desconhecida, a segunda personagem central, que morre ao ser atropelada por um carro em alta velocidade. Consternado com o atropelamento e a morte da jovem, aparentemente muito humilde, à qual teria presenciado, sem, contudo, prestar-lhe o auxílio necessário, Rodrigo procura aplacar seus sentimentos de culpa, emprestando sua voz à desconhecida. Fascinado pela „existência

² LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 21ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

³ TELLES, Lygia Fagundes. *As meninas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

⁴ WOLF, Christa. *Em busca de Christa T.*. Trad. Andreas Amaral. São Paulo: Art, 1987.

vegetativa“ de sua personagem, à qual se refere inicialmente com os qualificativos „a nordestina“ ou „a datilógrafa“, Rodrigo passa a denominá-la Macabéa e a glorificá-la, transformando-a em „estrela“ na hora de sua morte.

Macabéa é caracterizada como „extremamente muda“, ingênua e ignorante. „Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável.“ (44). Ou seja: seu silêncio denuncia não só a coisificação, a marginalização a que é submetida, mas sobretudo sua absoluta exclusão social. Ela é „dispensável“, apesar de ser um componente na ,engrenagem‘ social.

A resistência de Lia em *As meninas*

O texto apresenta, em perspectiva feminina, uma atmosfera sociopolítica hostil. Alternando o foco narrativo entre as personagens, a obra mostra, com muito realismo, o retrato psicológico de três estudantes universitárias paulistanas que, separadas de suas famílias, moram em um pensionato de freiras. Ali se desenvolve a trajetória de Lorena Vaz Leme, filha protegida de uma família tradicional, acadêmica de direito, que tipifica a classe alta com suas convenções sociais e seu consumismo; Ana Clara Conceição, proveniente de um ambiente familiar desestruturado, sem pai e com mãe prostituta, está com a matrícula trancada no curso de psicologia, é viciada em drogas e acaba morrendo de *overdose*; e Lia de Melo Schultz, filha de mãe baiana e pai alemão, estudante de ciências sociais, que é tratada ironicamente como “terrorista” ou “guerrilheira” pelas companheiras de pensão.

É em torno da personagem Lia, também denominada Lião, que o autoritarismo de Estado está representado no romance. Das três protagonistas, ela é constituída por uma percepção mais realista do contexto em que vivem, incorporando a ideologia da militância esquerdista à qual está

ligada diretamente. Pelas referências a seu namorado Miguel, sabe-se que ele se encontra preso por motivos políticos e que deverá ser deportado para a Argélia. Para poder juntar-se a ele, Lia prepara-se clandestinamente para viajar, solicitando o auxílio financeiro de Lorena, que lhe fornece o dinheiro para a passagem.

O texto contém cenas que representam o ambiente ameaçador gerado pela repressão, como aquela em que Lia julga estar sendo alvo da ação de agentes secretos: “Há um homem de terno escuro parado debaixo da árvore da esquina. Quando se sentiu observado, tirou um jornal do bolso e começou a ler. – Que foi, Lião? Por que você está assim? – Aquele homem – digo. A mulher que está saindo da garagem abriu a porta do carro. Ele entrou. Respiro até o centro da terra.” (p. 144) O homem de terno escuro, na situação do observador que não quer ser notado, é uma alusão à polícia política que, em sistemas autoritários, dedica-se a espionar as pessoas consideradas subversivas pelo Estado. A sensação do medo de Lia é transmitida pelo seu respiro de alívio, quando percebe que o homem apenas esperava a carona da mulher.

Provocar o medo em pessoas politicamente ativas, como no caso da personagem Lia, faz parte das estratégias usadas pelos órgãos de repressão. Esse mesmo tipo de intimidação também é um dos objetivos da tortura nas prisões. No romance, encontram-se referências à tortura de presos políticos, como quando Lia confronta Madre Alix, a superiora do internato, com o relato de um companheiro, no qual ele descreve as sessões de tortura pelas quais passou na prisão. Trata-se de um documento que a autora recebeu de amigos de seu filho na época e transcreveu literalmente em seu romance, sem que a censura reagisse ao texto.

A atitude de Lia frente ao contexto autoritário pode ser caracterizada como de resistência, pois não se deixa intimidar pelo medo ou por pressões externas.

A reclusão e o silêncio de Christa T. em *Em busca de Christa T.*

Christa Wolf, considerada a autora mais representativa da RDA, apropria-se da temática do silêncio, que, aliás, atravessa sua obra de ponta a ponta. Em seus 40 anos de produção literária, que deram origem a vários romances, contos, novelas e ensaios, a autora desenvolve intensivamente o tema. O silêncio tem sobretudo um caráter simbólico e, no contexto autoritário em que está representado, tem uma acepção negativa: significa a marginalização da pessoa da vida pública e, além disso, a impossibilidade de se articular como sujeito.

Esse caráter simbólico do silêncio na obra de Christa Wolf pode ser verificado em *Em busca de Christa T.* (1968), em que há duas personagens centrais: uma é a narradora em primeira pessoa, cujo nome não é revelado, sabendo-se apenas que é escritora e que foi companheira de estudos e amiga de Christa T., a segunda personagem central, que morre aos 35 anos de idade, vítima de leucemia. Após a sua morte, a narradora se propõe a retratar a vida da amiga, incluindo anotações de diário e fragmentos de textos encontrados em seu espólio. Esses textos são apresentados pela narradora como prova de que Christa T. queria ser escritora, de que tinha dom e talento para a escrita, além do domínio técnico necessário, mas foi condenada ao silêncio por discordar da ideologia reinante.

Na breve introdução que faz à sua narrativa, a personagem narradora justifica sua escrita sobre a amiga, afirmando que não o faz por ela, e sim porque „nós precisamos dela“ (8). Esse „nós“ inclui não só os leitores, mas sobretudo a geração das pessoas que viveram na mesma época histórica representada e que passaram pelas profundas transformações ocorridas na Alemanha com a II Guerra Mundial.

Nascidas no final da década de 20 numa região hoje pertencente à Polônia, ambas as personagens passaram os anos da infância e da juventude sob o Nazismo, fugiram da invasão russa ao final da Guerra, fixando-se na Alemanha Oriental. Estudaram Germanística em Leipzig, preparando-se para serem escritoras.

Socialista convicta, o objetivo maior de Christa T. é a auto-realização no „novo mundo“ (53), no socialismo, e isso através da escrita, pois sente que „somente através da escrita consigo superar as coisas“ (37). Além disso, Christa T. vê nessa profissão uma possibilidade de engajar-se na construção dos ideais socialistas. No entanto, suas tentativas de escrever sempre fracassam: no início, predominam as dúvidas em relação a si própria, porque se dá conta de sua „incapacidade de dizer as coisas como elas são“ (37); mais tarde, impacienta-se com a estagnação da sociedade e a falta de perspectivas de concretizar logo os ideais socialistas: „Quando – se não agora? Quando se deve viver, se não no tempo que se tem à disposição?“ (72) Essa pergunta, feita no verão de 1953 – uma referência ao levante dos trabalhadores ocorrido na RDA em 17 de junho daquele ano – denota a desilusão da personagem em relação ao socialismo existente, bem diferente daquele idealizado, cuja realização era sempre postergada para o futuro. „Tudo se opõe a mim de forma estranha, como um muro. Tateio as pedras com as mãos, nenhuma abertura. [...] Nenhuma abertura para mim.“ (72) Sentindo „um frio em todas as coisas“, Christa T. lança-se a outras atividades: auxilia o marido em suas tarefas, dedica-se à educação das três filhas e à construção de uma nova casa. Entretanto, sente-se freqüentemente cansada, não tanto pelo que faz, e sim pelo que „deixa de fazer ou não pode fazer“ (136): escrever.

Assim, diante das circunstâncias adversas, às quais não consegue se adaptar, Christa T. acaba perdendo um segredo vital para sua existência, „a consciência a respeito de quem ela realmente era. Ela se via diluída em uma infindável porção de frases e procedimentos mortalmente banais“ (154), que a impediam de se articular como sujeito, como autora. Ao contrário da narradora, Christa T. perde „a paciência“ e „a fé em si mesma“ (166) frente à discrepância entre o ideal e a realidade de uma sociedade socialista: „O fato de ela não conseguir se resignar com os acontecimentos“ é um sinal claro de seu ceticismo em relação ao objetivo a ser alcançado pela nova sociedade: „a diluição de todas as tramas e de todos os conflitos“ (156).

Christa T. tem um grande „temor de palavras imprecisas, inexatas“ (168) e é „viciada em sinceridade“ (169). Entretanto, ela não vê a possibilidade de manter essa sinceridade em sua escrita. „Ater-se em fatos. [...] *Mas o que são fatos?* As marcas que os acontecimentos deixam no nosso íntimo. Essa era a sua opinião” (169). Essa opinião da personagem representa uma contestação à realidade extraliterária, especificamente à política cultural da RDA, que tacha esse intimismo na escrita de forma negativa, utilizando o rótulo de “subjativismo”.

Considerações finais

As personagens femininas aqui abordadas reagem de forma distinta ao contexto autoritário representado nas obras, mas todas são levadas ao silêncio, seja pela morte, no caso de Macabéa e de Christa T., ou pelo exílio, no caso de Lia.

De modo semelhante a *Em busca de Christa T.*, o silêncio em *A hora da estrela* também está associado à reificação da personagem. Nesse aspecto, a diferença entre Macabéa de um lado, e Christa T. e Lia de outro lado, é a total alienação da primeira e a absoluta conscientização das segundas em relação aos respectivos contextos sociopolíticos.